

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE PSICOTERAPEUTA: Os processos subjetivos de estagiários de Psicologia Clínica

THE CONSTRUCTION OF THE PSYCHOTHERAPIST'S IDENTITY: The subjective processes of Clinical Psychology Interns

LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DEL PSICOTERAPEUTA: Los procesos subjetivos de los estudiantes en prácticas de Psicología Clínica

Bianca Viana Coutinho¹

Carlos Eduardo Gonçalves Leal²

Marcelo Dias de Negreiros Junior³

Resumo: A Psicologia Clínica vem se consolidando como um importante campo de atuação profissional no contexto das políticas públicas de saúde mental. Diante da complexidade desse cenário o debate sobre a formação profissional e o modo como esse processo dialoga com a realidade social assume relevância, por sinalizar os limites e possibilidades dos cursos de graduação. Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo analisar os processos subjetivos que medeiam a construção da identidade de psicoterapeuta em estagiários de Psicologia Clínica. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa construtivo-interpretativa, com base nos princípios da Epistemologia Qualitativa desenvolvida por González Rey (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). A coleta de dados ocorreu através de uma entrevista semiestruturada com 4 estudantes de graduação em Psicologia vinculados ao Estágio Obrigatório em Psicologia Clínica. A experiência de formação em um currículo generalista foi importante para desconstruir concepções restritas sobre a prática em Psicologia, ampliando a leitura a respeito do sujeito e do fenômeno psicológico, tendo por base a realidade social. O contato com usuários de serviços psicológicos, a aproximação com aspectos emergentes no âmbito das políticas públicas, a emocionalidade presente na relação pedagógica, esses aspectos foram significativos no processo de formação.

Palavras-Chave: Psicologia clínica; Psicoterapia; Formação; Estágio Supervisionado.

Abstract: Clinical Psychology has been consolidated as an important field of professional practice in the context of public mental health policies. In view of the complexity of this scenario, the debate on professional training and the way in which this process dialogues with social reality takes on relevance, as it signals the limits and possibilities of undergraduate courses. Thus, this research aims to analyze the subjective processes that mediate the construction of the psychotherapist's identity in clinical psychology interns. For this, a qualitative constructive-interpretive research was carried out, based on the principles of Qualitative Epistemology developed by González Rey (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). Data collection took place through a semi-structured interview with 4 undergraduate

¹ Contato principal para correspondência editorial. E-mail: biancaviana023@gmail.com.

² E-mail: ceduardoleal@hotmail.com.

³ E-mail: marcelonegreirosjunior@gmail.com.

students in Psychology linked to the Mandatory Internship in Clinical Psychology. The training experience in a generalist curriculum was important to deconstruct restricted conceptions about the practice in psychology, expanding the reading about the subject and the psychological phenomenon, based on social reality. The contact with users of psychological services, the approach to emerging aspects in the scope of public policies, the emotionality present in the pedagogical relationship, these aspects were significant in the training process.

Keywords: Clinical Psychology; Psychotherapy; Formation; Supervised Internship.

Resumen: La Psicología Clínica se ha consolidado como un campo importante de actuación profesional en el contexto de las políticas públicas de salud mental. Ante la complejidad de este escenario, el debate sobre la formación profesional y cómo este proceso dialoga con la realidad social adquiere relevancia, al señalar los límites y posibilidades de los cursos de grado. Así, esta investigación tiene como objetivo analizar los procesos subjetivos que median la construcción de la identidad de psicoterapeuta en estudiantes en prácticas de Psicología Clínica. Para ello, se realizó una investigación cualitativa constructivo-interpretativa, basada en los principios de la Epistemología Cualitativa desarrollada por González Rey (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). La recolección de datos se llevó a cabo mediante una entrevista semiestructurada con 4 estudiantes de grado en Psicología vinculados a la Práctica Obligatoria en Psicología Clínica. La experiencia de formación en un currículo generalista fue importante para deconstruir concepciones restringidas sobre la práctica en Psicología, ampliando la comprensión del sujeto y del fenómeno psicológico, basándose en la realidad social. El contacto con usuarios de servicios psicológicos, la aproximación a aspectos emergentes en el ámbito de las políticas públicas y la emocionalidad presente en la relación pedagógica fueron aspectos significativos en el proceso de formación.

Palabras clave: Psicología clínica; Psicoterapia; Formación; Prácticas Supervisadas.

1. INTRODUÇÃO

A formação de psicólogos no Brasil vem sendo alvo de mudanças significativas, que são, em grande parte, atribuídas à instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para os cursos de graduação na área (Brasil, 2011), as quais preveem uma formação direcionada para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino da ciência psicológica.

A Psicologia Clínica, em particular, por historicamente predominar nas matrizes curriculares dos cursos de graduação, sendo a representação mais expressiva da noção de currículo mínimo que antecedeu as DCN's, demanda questões específicas, sobretudo, pelo fato desta área ser criticada por aqueles que sustentam uma perspectiva crítica de formação em Psicologia (por exemplo, BOCK, 2015). A influência da Medicina e da Psicanálise no desenvolvimento da profissão de psicólogo endossou um modelo de trabalho focado no indivíduo, ancorado em uma abordagem biomédica e direcionado ao processo de cura

(VIEIRA-SANTOS, 2016). Com as Diretrizes e a proposta de uma formação generalista, a clínica psicológica teve seu lugar redefinido e a própria área vem sendo repensada.

Vieira-Santos (2016) por meio do seu material buscou identificar indícios que a formação de psicólogo, após a homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais, voltou-se para o desenvolvimento de habilidades e competências e se a formação possibilitou a contemplar as demandas sociais brasileiras. O material de apoio para corroborar com esses indícios foram 129 artigos, publicados entre 2004 e 2014, que tratavam sobre a formação em Psicologia, tendo como metodologia uma revisão sistemática de literatura, dividida em quatro etapas. Pelos resultados ficou evidenciado que a formação destes profissionais em questão tem se voltado para atender essas demandas sociais e se preocupado com o desenvolvimento e o aprimoramento das habilidades e competências, porém com um distanciamento da realidade social e deixando um legado a percorrer para atender de perto as realidades da sociedade do Brasil, deixando o campo ainda aberto para futuras pesquisas e aprofundamento dos pontos abordados pelo autor.

Lopes e Castro (2018) desenvolveram um estudo com o objetivo de compreender como os estagiários de Psicologia vivenciam o lugar de psicoterapeutas ao realizar intervenções clínicas. A pesquisa qualitativa e de natureza exploratória contou com a participação de seis alunas do curso de Psicologia da UNISINOS, a qual foram entrevistadas por meio de uma entrevista semiestruturada. Os resultados apontam para a vivência de sentimentos de angústia e ansiedade, bem como de construções subjetivas diante da necessidade de apropriação do lugar de psicoterapeuta.

O debate sobre a formação profissional e o modo como esse processo dialoga com a realidade social assume relevância, uma vez que sinaliza os limites e possibilidades dos cursos de graduação. É preciso que superemos a lógica do currículo mínimo, que pressupõe um distanciamento entre teoria e prática, e proporcionemos um processo formativo que consolide a identidade profissional do Psicólogo. Diante do exposto, definimos como problema de pesquisa: Quais os processos subjetivos que medeiam a construção da identidade de psicoterapeuta em estudantes de graduação em Psicologia que cursam o Estágio Curricular Obrigatório em Psicologia Clínica?

Para responder o problema de pesquisa, estabelecemos o objetivo geral de analisar os processos subjetivos que medeiam a construção da identidade de psicoterapeuta em estagiários de Psicologia Clínica. De forma específica objetivamos compreender as produções subjetivas sociais que se expressam na prática desenvolvida pelos estagiários; verificar os

processos subjetivos vinculados à vivência ao longo do curso de Psicologia e sua inter-relação com o desenvolvimento do estágio; e examinar as vias por meio das quais a subjetividade dos estagiários se desenvolve no âmbito do estágio, possibilitando ou não a identificação com a prática e a consolidação da identidade de psicoterapeuta. A relevância científica e social desta pesquisa é evidenciada ao se propor o olhar para a formação profissional do Psicólogo e sua articulação com a realidade social, de modo que poderá sinalizar encontros e desencontros entre teoria, prática, e o previsto pelas DCN's para os cursos de formação em Psicologia.

2. Metodologia

O estudo dos processos subjetivos que medeiam a construção da identidade de psicoterapeuta em estagiários de Psicologia Clínica parte de uma questão teórica que tem implicações epistemológicas e metodológicas: o que é a *subjetividade* e como ela se diferencia de outros processos e formas de organização da existência humana. A subjetividade se constitui como sistema complexo que demanda uma nova forma de produzir conhecimento científico, a qual se configura como alternativa ao modelo empírico-instrumental presente na pesquisa em Psicologia. Deste modo, em nosso estudo, partimos da *Epistemologia Qualitativa* desenvolvida por González Rey (GONZÁLEZ REY, 2005a, 2005b, 2007, 2011; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017) e, em termos metodológicos, do modelo qualitativo de *Pesquisa Construtivo-Interpretativa*, também desenvolvido pelo autor (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

Considerando os pontos destacados, o estudo será desenvolvido com base nos seguintes princípios: o conhecimento é uma produção construtivo-interpretativa; a pesquisa é um processo de comunicação, sendo importante o diálogo entre pesquisador-pesquisado; e a singularidade é um nível legítimo para a construção do conhecimento científico (GONZÁLEZ REY, 2005a, 2011).

O desdobramento metodológico dos princípios da *Epistemologia Qualitativa* é representado pela proposta da *Pesquisa Construtivo-Interpretativa* elaborada por González Rey (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Esta pesquisa é simultaneamente teórica e dialógica, o que significa dizer que expressa de antemão o modelo teórico do pesquisador em sua fase embrionária, com reflexões, especulações, construções, mas, ao mesmo tempo, está aberta às possibilidades que a imersão no campo e o diálogo com os participantes apontam, inclusive a possibilidade de reconstrução do que se encontrava previamente elaborado.

A instituição utilizada como cenário da pesquisa foi uma instituição privada de ensino localizada em Teresina, Piauí, selecionada pelos seguintes critérios: credenciamento junto ao Ministério da Educação (MEC); oferta de curso de Psicologia há pelo menos 10 anos; disponibilidade e interesse da Instituição pelos objetivos da pesquisa.

A pesquisa foi realizada com 4 participantes (do 10º período), selecionados pelos seguintes critérios de inclusão: 1) estar regularmente matriculado no curso de Psicologia; 2) ser maior de 18 anos; 4) ter disponibilidade e interesse pelos objetivos da pesquisa. A quantidade de participantes não foi determinada por amostragem probabilística, o que significa dizer que a amostra é intencional, definida com base na experiência do pesquisador responsável no campo de pesquisa, partindo de uma empiria fundamentada no raciocínio teórico a respeito do objeto de estudo.

O recrutamento dos participantes foi realizado por meio de visita do pesquisador responsável e da equipe de pesquisa às reuniões de supervisão do Estágio Curricular Obrigatório em Psicologia Clínica, na Clínica-Escola de Psicologia da instituição de ensino superior na qual foi realizada a pesquisa. A Coordenação da Clínica-Escola foi contatada para o levantamento dos dias e horários de todas as reuniões de supervisão, bem como do contato telefônico e *e-mail* dos professores que exercem a função de supervisor. A visita à supervisão ocorreu mediante a autorização prévia dos professores. Na visita, foi apresentado oralmente a proposta do estudo e disponibilizado uma carta-convite contendo informações detalhadas da pesquisa (tema, problema, objetivos, metodologia, riscos, benefícios e aspectos éticos), além dos contatos telefônicos e de *e-mail* dos pesquisadores.

A apresentação da proposta da pesquisa foi fundamentada nos princípios da justiça, da beneficência e do respeito pelas pessoas. Aqueles que voluntariamente se interessaram em participar entraram em contato telefônico ou via *e-mail* com os pesquisadores e foram alvo de um novo encontro presencial e individual para a obtenção do Consentimento Livre e Esclarecido e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os participantes, a qual teve o áudio gravado em um aplicativo específico de gravação de áudio do telefone celular dos pesquisadores com o consentimento dos participantes, seguida da transcrição para análise. A entrevista teve duração de aproximadamente 1h (uma hora) e foi realizada em ambiente adequado que preservava o sigilo e a confidencialidade das informações prestadas, bem como a identidade dos participantes.

Em respeito à dignidade humana, foram cumpridos todos os princípios éticos definidos pela Resolução 466/2012 e pela Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, o qual garantiu o anonimato e o sigilo das informações coletadas. Os nomes utilizados nos resultados desta pesquisa (Maria, Francisca e João) são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

A pesquisa possuiu risco mínimo às dimensões intelectual, moral e psíquica, uma vez que a coleta de dados poderia ter evidenciado fragilidades em relação ao domínio do conhecimento teórico e metodológico por parte dos participantes, gerando constrangimento. Entretanto, diante do risco, destacamos que a identidade dos participantes foi mantida no mais absoluto sigilo. Foi garantido a assistência integral aos voluntários, caso ocorresse algum dano, bem como a possibilidade de retirar o consentimento sem qualquer ônus. Caso tivesse ocorrido algum evento adverso grave, ou inesperado, os responsáveis pela pesquisa teriam informado imediatamente ao CEP/CONEP.

A análise dos dados ocorreu a partir do método construtivo-interpretativo (GONZÁLEZ REY, 2005a, 2011), no qual, partindo da comunicação dialógica entre pesquisador e participantes, construiu-se informações por meio da produção de indicadores, hipóteses e significados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos indicadores presentes nas entrevistas permitiu a construção de 3 Eixos Temáticos, a saber: 1) A Expressão das Produções Subjetivas Sociais na Prática desenvolvida pelos Estagiários; 2) Processos Subjetivos Vinculados à Vivência no Curso; 3) Desenvolvimento da Subjetividade dos Estagiários.

Eixo Temático 1. A Expressão das Produções Subjetivas Sociais na Prática desenvolvida pelos Estagiários

O contato com os participantes, em um cenário social de comunicação dialógica, permitiu que construíssemos indicadores e caminhos hipotéticos a respeito das Produções Subjetivas Sociais que influenciam na prática acadêmica dos participantes. A reflexividade e a emocionalidade apontam o caráter singular das produções subjetivas e exprimem um aspecto essencial da subjetividade humana. Essas questões evidenciam importantes implicações epistemológicas e metodológicas que estão presentes nesta pesquisa, uma vez que os

processos subjetivos somente se expressam quando favorecidos por um contexto social que viabilize a reflexividade e a implicação emocional.

A análise conta com trechos de entrevistas realizadas com três participantes: Maria, 29 anos; Francisca, 24 anos; João, 26 anos. O curso de Psicologia era a primeira graduação de Francisca e João e a segunda graduação de Maria, que já tinha realizado um curso de licenciatura. Todos os participantes ingressaram no ano de 2015 e estavam concluindo o curso no tempo regulamentar. As entrevistas com os estagiários foram realizadas no espaço da instituição de ensino na qual estavam matriculados.

No processo dialógico, Maria e Francisca apontaram em suas falas que a escolha da profissão se deu por um processo de identificação com a Psicologia, que ocorreu de forma contrária às expectativas sociais. O processo de escolha profissional é tensionado por diferentes configurações subjetivas, organizadas tanto na subjetividade individual como na subjetividade social, e o autoconhecimento é uma dimensão importante (MITJÁNS MARTÍNEZ, 2009). Em relação à Maria, percebemos que processos subjetivos relacionados às configurações da família, do relacionamento afetivo-amoroso e do exercício profissional mobilizaram a reflexão e a intencionalidade da participante. Em Francisca, a configuração subjetiva da família também se faz presente, como pode ser observado nos trechos abaixo:

Maria: [...] paguei e eu passei, passei em 6º para Psicologia e 8º para direito, alguma coisa assim. Aí estava lá, os dois cursos. O sonho do papai é de ter uma filha advogada, meu noivo é advogado, a família dele inteira, então, todo mundo votando em peso para direito, né? Aí, eu, rapaz, eu já fiz um curso que não me proporcionou tanta felicidade.

Francisca: Não, pelo contrário. Meu pai nunca opinou e minha mãe, assim, ela sempre quis que eu fizesse medicina e aí era muito isso “Minha filha, porque você não tenta medicina e tal”. Assim que eu saí do ensino médio entrei na Psicologia. E aí, eu meio que fui sozinha. Fiz o vestibular, ela sabia que eu estava fazendo vestibular, meus pais sabiam, mas era sempre nessa, achando que eu ia fazer o vestibular e não ia seguir. Assim, os meus primeiros períodos ela dizia “minha filha, por que você não volta? Tenta fazer medicina, suas amigas estão fazendo medicina e tal”. E aí, teve isso, mas nunca foi de dizer assim: não, não quero que você faça Psicologia. Não incentivava, mas também não me colocaram para baixo, e hoje é uma questão resolvida.

Os participantes tiveram experiências em outros cursos: João iniciou um curso na área das ciências agrárias; Francisca fez um curso técnico na área de informática e Maria concluiu uma graduação em um curso de licenciatura na área das ciências naturais. A insatisfação com as experiências formativas e, no caso de Maria, com a atual atividade profissional, também mobilizou nos participantes o processo de reflexão e de busca por novas experiências e qualificação, o que permitiu que a tomada de decisão da profissão fosse realizada com propósitos: a busca pela autorrealização e a contribuição com a sociedade.

Maria: E já tinha um tempo que eu queria sair da sala de aula, eu sou formada em biologia, eu já estou com 10 anos de sala de aula, sempre na educação infantil. Então são 10 anos que eu dou aula para criança. Aí chegou uma hora que eu pensei: não, não é isso que tá me fazendo feliz, e se eu não estou feliz na profissão eu tenho que buscar minha felicidade. Aí eu lembro que eu disse pra minha Psicóloga que eu ia prestar vestibular para Psicologia.

João: [...] E, se eu puder falar um pouquinho da minha vida pessoal antes de cursar Psicologia, eu fazia antigamente Engenharia Agrônoma. Não que o curso em si não seja bom, mas na minha vida eu não me via atuando naquilo, eu não me via sendo funcional naquilo que eu fazia. Uma das coisas que me motivou a procurar Psicologia, que eu via na Psicologia, eu via na Psicologia uma ferramenta na qual eu pudesse ser funcional para a sociedade. Eu via na Psicologia a ferramenta na qual eu pudesse ajudar as pessoas.

Francisca: E aí eu me deparei com muita dificuldade, muita dificuldade mesmo. Sempre fui uma aluna [pausa] uma das melhores alunas da sala, meu histórico sempre foi um dos melhores. E aí quando eu cheguei lá, me deparei com outra realidade e aí tive muita dificuldade. Tive gastrite nervosa por conta de tirar nota baixa e tal, e aí eu disse: não! Vou procurar um curso superior que me tire dessa coisa de ciências exatas, porque para mim não dá, eu vou adoecer e não dá. Então, no ensino superior, eu quero ir para um curso que não me deixe, não me deixe tão vulnerável, não me deixe tão frustrada. E aí eu fui, comecei a pesquisar, gostava da área da saúde, e aí comecei a pesquisar, pensei em medicina, pensei em nutrição, pensei em fisio, mas aí me veio a Psicologia como opção, e aí comecei a pesquisar, fui no psicólogo para ver o que ele fazia e tal, e aí me identifiquei com a profissão, com o curso, com a grade. E aí, assim que sai do ensino médio, ingressei no curso de Psicologia e realmente me encontrei.

A problemática da escolha profissional foi estudada por Chiocca, Favretto, Fravetto (2016). O estudo tinha como objetivo conhecer os fatores que levam as pessoas a cursarem uma segunda graduação e, conseqüentemente, fazer uma reescolha profissional. Dentre os resultados encontrados na pesquisa, no que diz respeito à primeira graduação, foi identificado que um número significativo de sujeitos não atua na área de sua primeira formação e não se mostram satisfeitos com a escolha profissional. Já outros se mantêm atuantes na primeira área e buscam pela ampliação de conhecimentos. No que se refere aos aspectos envolvidos na reescolha profissional, encontraram questões relacionadas a maturidade dos participantes, busca por novos conhecimentos, complementação da primeira formação e busca pela autorrealização.

É possível perceber relações entre os dados encontrados na pesquisa referenciada acima e os aspectos mobilizadores da nova qualificação profissional de Maria, João e Francisca, que foram marcados pela insatisfação com a primeira área de formação e atuação e a busca por uma formação que proporcionasse a autorrealização.

Os trechos das falas dos participantes permitem observar que as configurações subjetivas são marcadas pela multi-espacialidade e multi-temporalidade (GONZÁLEZ REY, 2005b), o que sinaliza que a escolha profissional não está ligada apenas a uma condição do momento, ou seja, os desdobramentos de sua ação não estão limitados apenas ao presente, mas às produções subjetivas individuais e as produções subjetivas sociais, presentes nas trajetórias acadêmicas e profissional, nas representações sociais dos familiares a respeito da valorização de determinadas profissões, entre outras.

A entrevista com Maria indicou que a participante teve contato com campos tradicionais da Psicologia em sua trajetória pessoal. A representação sobre a Psicologia estava limitada à Psicologia Clínica, pelas experiências pessoais em psicoterapia, e à Psicologia Escolar, por ter estudado em uma escola que tinha psicólogo. A Psicologia Escolar, em particular, acabou se mostrando como uma das escolhas pela possibilidade de se manter vinculada à escola, mas fora da sala de aula. A Psicologia emerge como ferramenta de aprimoramento do exercício profissional no espaço escolar e, ao mesmo tempo, como possibilidade de sair da sala de aula, atividade com a qual a participante não estava satisfeita.

Maria: Quando eu entrei aqui, eu confesso pra ti que só sabia da existência de duas Psicologias, vamos dizer assim, que era a escolar e a clínica. Eu sabia da escolar porque a escola que eu estudava tinha Psicólogo e sabia da clínica porque eu tinha

feito o uso desse serviço, então eu sabia basicamente o que era o papel do psicólogo clínico e sabia basicamente o que era o papel de um psicólogo escolar, e até na minha escola eu não frequentava o psicólogo, eu sabia que tinha, sabia onde era a sala, mas nem aí. [...] O segundo foi essa permuta de empregos, que eu também não estava mais feliz na área e o terceiro era ter consciência de que eu não ia abandonar meu emprego da noite pro dia, então, eu também ia fazer um curso que me ajudasse no que eu faço para me sustentar ... tanto que em 5 anos de curso eu dou aula até hoje. [...] e também por que eu vi que, eu não tenho como abandonar minha profissão da noite pro dia, tem que ser algo gradual, algo que me sustenta. Então eu vou fazer um curso que encaixe nessa profissão também, e eu fiz a Psicologia tipo para ser um complemento, por que eu comecei a perceber que alguns alunos meus que eram problemáticos, que tinham, na época eu nem sabia o que era uma dificuldade de aprendizagem, até estranho um profissional da licenciatura dizer e assumir que não conhece. Eu não conheci, e aí eu: não, tem alguma coisa por traz desse aluno. Então, também uma outra coisa que pesou na minha escolha para a Psicologia foi ver que o meu aluno tinha algo por traz e que esse algo precisava ser estudado e aí, cá estou eu, estou me formando agora, glória e aleluia.

Um ponto significativo nas falas dos participantes é a concepção de Psicologia que tinham antes de entrar no curso, muito próxima a representação social da Psicologia enquanto profissão, no qual a Psicologia é concebida principalmente como Psicologia Clínica, por ser um campo tradicional de atuação. No caso de Maria, mesmo destacando a Psicologia escolar, o olhar era de um profissional isolado em sua sala, inacessível, portanto, preso a um modelo clínico-terapêutico. Seguem os trechos:

João: De todos os estágios que eu esperava durante o curso, esse foi o que eu mais tive expectativas. A gente já entra no curso com a mentalidade de Psicologia mais voltada para a clínica, desde filmes e livros que a gente lê, sempre é aquela Psicologia mais clínica, então isso acabou-se, gerando, eu digo que, mais interesse por essa área, não que eu esteja gostando mais dessa, né, não que ela seja a mais importante, mas a minha interação hoje com essa área tem sido muito boa, tem ido um pouco além das minhas expectativas de tá ali com o paciente na sala, escutar suas queixas e, através da Psicologia, poder ajudá-lo a se conhecer mais, conseguir ferramentas para lidar com suas questões, pra mim é algo muito bacana, muito satisfatório. Eu acho que o pagamento que a gente recebe por isso é a satisfação de você poder estar de alguma forma, poder está ajudando o paciente.

Francica: Como eu te disse, eu tinha uma visão de Psicologia como sendo Psicologia clínica e, me deparei com a escolar, com a organizacional, com a social, que foram áreas que eu me identifiquei, que eu gosto muito hoje.

As vivências no início e ao longo do curso permitiram que a implicação emocional com o processo de escolha profissional se mantivesse, que os participantes confirmassem suas expectativas diante da escolha realizada e ampliassem os horizontes em relação à ideia que tinham a respeito da Psicologia, muito ligada, inicialmente, apenas a atuação nos campos tradicionais.

Maria: Quando eu entrei pra cá, eu sou muito assim, interessada, estudiosa e curiosa, e eu li logo a ementa todinha, li todas as matérias, fui atrás de tudo e eu fui vendo: Psicologia Comunitária, a Psicologia Organizacional, o que é isso? [...].

Francisca: Como eu te disse, eu tinha uma visão de Psicologia como sendo Psicologia Clínica e, me deparei com a escolar, com a organizacional, com a social, que foram áreas que eu me identifiquei, que eu gosto muito hoje. E aí, esse estágio clínico, ele é um estágio muito esperado, muito esperado por todos os estudantes [...]. Não era o que eu esperava. Assim, eu tinha outra visão do que era o curso de Psicologia, nem sei te dizer hoje qual, mas ao longo do curso, eu me deparei com muita coisa que eu não esperava que fosse encontrar. Muita disciplina que eu não esperava que fosse encontrar, muita identificação que eu imaginava que não ia me identificar.

As falas acima são indicadores de que as experiências formativas ocorreram no contexto de um currículo generalista, o que corrobora com o proposto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para os cursos de graduação em Psicologia (BRASIL, 2011), que preveem uma formação direcionada para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino da ciência psicológica.

As entrevistas com os participantes produziram indicadores de que a formação em Psicologia proporcionou o debate sobre políticas públicas de assistência social e de saúde mental. Por outro lado, quando se fala de políticas públicas não se coloca a Psicologia clínica no contexto de tais políticas. É possível que a formação na área de Psicologia clínica se constitua por encontros e desencontros com um debate mais amplo a respeito das políticas de saúde mental, aspecto que precisa ser investigado.

Eixo Temático 2. Processos Subjetivos Vinculados à Vivência no Curso

Por meio dos indicadores e hipóteses levantadas, foi possível identificar alguns processos subjetivos vinculados à vivência no curso. A identificação com professores, a

experiência dos estágios e a identificação com as áreas de atuação foram pontos significativos nos relatos dos participantes. O trecho abaixo da entrevista com Maria cita várias vezes um professor, sinaliza e enfatiza o quanto tem afinidade com ele, com as disciplinas e estágios supervisionados pelo mesmo. Na sua fala, também destacou que faz uma pós-graduação, motivada, sobretudo, pela referência do professor, que coordena a especialização em questão.

Maria: Eu também sou suspeita de falar por que eu gosto muito do Professor [...]. E eu faço a pós-graduação com ele, de saúde mental, porque eu gosto muito dele, gosto muito dos estágios que eu fiz, das matérias dele e já fui me especializando logo, porque eu sou de 7 meses.

As relações estabelecidas durante o curso com o professor influenciaram na tomada de decisões da entrevistada pela busca de formação continuada. Pereira (2017) evidenciou em seu estudo que o afeto existente na relação professor-aluno é um agente motivador que permeia todo o processo de ensino e aprendizagem, sobretudo, ao favorecer as potencialidades de ambos e gerar sentimentos de respeito e admiração. António e Manuel (2015) também encontraram resultados parecidos em seu estudo ao destacar a relevância da relação professor-aluno para qualificar o processo de ensino e aprendizagem e o modelo que os professores da educação superior se tornam para os estudantes.

As experiências de estágio em diferentes áreas também produziram processos subjetivos vinculados ao curso que mobilizaram a constituição da identidade de psicoterapeuta. Os contextos formativos que articularam de maneira significativa a teoria e a prática, promovendo o contato com usuários de serviços psicológicos e o desenvolvimento de habilidades e competências profissionais, sobretudo, vinculadas ao *fazer*, aparecem na fala dos participantes como experiências bem-sucedidas, que impactaram de maneira positiva na formação, como podemos observar nos relatos abaixo:

João: Particularmente, o curso para mim, ele apresenta coisas boas, não só os conteúdos, mas as vivências e as práticas, o estágio do psicodiagnóstico foi muito importante. A gente conseguiu aprender a elaborar, a levantar o laudo e aplicar algumas intervenções, e a gente teve alguns resultados positivos em cima disso. A gente percebeu não só por aquilo que recebemos de feedback de professores, mas da própria mãe da paciente, inclusive ela falou comigo essa semana sobre isso, de como foi importante aquele processo de psicodiagnóstico. Então, a gente teve uma experiência boa nesse sentido, eu tive uma experiência boa nesse sentido e foi

significativo para mim, esse contato com a paciente, estar ali com ela, viver um universo de coisas, de alguma forma, conseguir detectar, levantar hipóteses diagnosticar e conseguir trabalhar em cima disso, mesmo que temporariamente.

Francisca: Assim, acho que o que eu mais tive identificação imediata foram os estágios comunitário e social, que são os estágios do professor [...], porque eu realmente tenho uma certa identificação. São dois estágios que eu gostei muito, um foi em uma UBS, que a gente fez visita e tal. E aí, aquela parte de você estar junto com as pessoas, de você ir em busca das pessoas, de você levar o que eles estão precisando, isso é uma coisa que me deixa muito realizada em fazer. E o outro estágio que foi no CAPS AD também foi uma experiência, assim, muito legal, muito bacana. O contato com os usuários, ver o quanto a Psicologia é importante ali naquele contexto também foi muito legal.

Maria: O meu primeiro contato com o CAPS foi muito marcante. Eu cheguei, veio um homem lá do CAPS, [nome do usuário], ele apertava minha mão e se apresentava para mim a cada 5 segundos: “Oi! Meu nome é fulano!”, e balançava a minha mão e largava, “Oi! Meu nome é fulano!”, balançava minha mão e largava. Eu comecei a ver o outro lado da loucura, eu comecei a ver um lado da loucura que é um lado do adoecimento, é um lado das pessoas que são negligenciadas, é um lado de pessoas que estão precisando de carinho, que estão precisando de afeto e aí eu me apaixonei. Meu deus, eu quero isso para minha vida, eu saí apaixonada, eu gostei tanto dos estágios do professor [...].

Os relatos de Francisca e Maria produziram indicadores sobre o encontro da Psicologia com as políticas públicas no âmbito da formação e atuação profissional, condizente com os debates atuais no campo, sinalizados, por exemplo, por Silva e Carvalhaes (2016), que destacam a importância do contato com problematizações que levem a análises históricas, sociais e políticas na formação profissional do psicólogo. O diálogo entre Psicologia e políticas públicas só se tornou possível quando a ciência psicológica problematizou e redefiniu suas bases filosóficas, teóricas, epistemológicas e metodológicas.

Eixo Temático 3. Desenvolvimento da Subjetividade dos Estagiários

Nos processos de entrevista foi possível perceber as vias por meio das quais a subjetividade dos participantes foi se desenvolvendo no domínio do estágio, expressando

crescimento pessoal, identificação com a prática clínica e a ampliação da percepção de cuidado em relação ao outro. A experiência do estágio foi marcada por reflexividade e emocionalidade que impactaram não somente o papel social de psicólogo, mas também a própria identidade pessoal. Esses pontos podem ser observados nos trechos abaixo:

Maria: Oh, a experiência mais positiva foi a minha evolução como ser humano, que eu sei que eu erro, que eu sou falha, eu tenho muita coisa para mudar, mas que eu já mudei bastante. [...] E a Psicologia me mudou muito, hoje mesmo eu encaminhei duas alunas minhas para o serviço escola de Psicologia, coisa que se eu fosse apenas uma professora, não teria feito, porque não teria enxergado.

João: [...] a minha interação hoje com essa área tem sido muito boa, tem ido um pouco além das minhas expectativas de estar ali com o paciente na sala, escutar suas queixas e, através da Psicologia, poder ajudá-lo a se conhecer mais, conseguir ferramentas para lidar com suas questões. Para mim é algo muito bacana, muito satisfatório! Eu acho que o pagamento que a gente recebe por isso é a satisfação de você, de alguma forma, poder ajudar o paciente.

Francisca: Esse estágio clínico, ele é um estágio muito esperado, muito esperado por todos os estudantes. Vem um misto de sentimentos de medo, de não saber se você vai dar conta, mas até agora eu estou me identificando muito, principalmente com a minha abordagem, que foi uma abordagem que desde quando eu tive o meu primeiro contato com ela, lá no quinto período, eu já me identifiquei, tipo assim, eu sou TCC na minha vida. E aí o estágio está sendo uma experiência muito boa, inclusive tenho vontade de seguir na minha área profissional como psicóloga clínica, também.

A implicação emocional das falas permite entender como a subjetividade dos participantes está em desenvolvimento. Existe um investimento afetivo no estágio, o qual é atravessado pelas expectativas que os estudantes nutrem a respeito dessa experiência, o que pode ser um indicador da subjetividade social do curso de Psicologia, aspecto que precisa ser investigado. Nas entrevistas com Maria, um ponto significativo, por exemplo, foi o fato de, apesar de se definir como alguém que procrastina, relatar que solicitará a antecipação da

colação de grau para adquirir o registro profissional junto ao Conselho Regional de Psicologia e iniciar a atuação no campo da Psicologia clínica. Isso é um indicador de identificação.

Entrevistada 1: Oh, para você ter noção do tanto que a Psicologia faz efeito na gente. Eu tenho um defeito horrível de procrastinar, eu deixo tudo para cima da hora [...]. Vou pedir a colação de grau separada, vou colar grau mais ou menos em dezembro, novembro, para pegar o CRP o quanto antes, vou pagar o CRP e eu vou realmente para clínica.

Na entrevista com João, a Psicologia clínica aparece como possibilidade de uma futura atuação profissional, sobretudo, em razão da experiência com o estágio, ainda que não tenha definido de forma operacional os caminhos para a viabilização dessa aproximação, como foi percebido nos relatos de Maria e Francisca. Nos momentos de diálogo com o participante foi possível identificar que a entrevista promoveu a reflexão sobre seus projetos profissionais, aspecto notado por um modo de expressão presente em hesitações e pausas nas falas. Pode ser que esses projetos ainda não estivessem plenamente definidos ou que contemplassem áreas diferentes da Psicologia clínica, ponto que não foi investigado.

A constituição da subjetividade do sujeito se configura com base nos planos específicos de socialização de cada cultura, como, por exemplo, o ensino superior, e nos contextos individuais de desenvolvimento psicológico, como resultado da multiplicidade de emoções que surgem no curso da ação humana (GONZÁLEZ REY, 2005a). O estágio possibilitou a produção de novos espaços de subjetivação para os participantes, ou seja, novas formas de perceber o mundo, a prática profissional e a si próprios.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos percorridos por esta pesquisa permitiram a identificação de indicadores relacionados à construção da identidade de psicoterapeuta em estudantes de graduação em Psicologia, que se relacionam a vivências antes e durante a formação profissional. Como indicadores anteriores ao ingresso do curso encontrou-se as vivências pessoais, acadêmicas e profissionais, as expectativas sociais e a representação social da Psicologia. Já os indicadores encontrados ao longo do curso foram o contato com diversas áreas de atuação por meio da articulação entre teoria e prática, as experiências bem-sucedidas nos estágios, a identificação com a área clínica e a relação estabelecida com os professores.

A experiência de formação em um currículo generalista foi importante para desconstruir concepções restritas sobre a prática em Psicologia, ampliando a leitura a respeito do sujeito e do fenômeno psicológico, tendo por base a realidade social. O contato com usuários de serviços psicológicos, a aproximação com as questões emergentes no âmbito das políticas públicas, em particular, em estágios de Psicologia Comunitária e de saúde mental, a emocionalidade presente na relação pedagógica, todos esses aspectos foram significativos no processo de formação. A ausência de falas que articulassem uma discussão sobre a Psicologia clínica no domínio das políticas de saúde é um ponto que precisa ser compreendido com mais detalhes. Como o estágio clínico se articula com o conjunto de discussões proporcionado pelo curso, sobretudo, relacionadas às políticas de saúde mental? Uma pesquisa que partisse desse problema poderia trazer importantes elementos para o debate.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, L. da. A. D; MANUEL, J. A. da. C. **Importância da relação professor-aluno na educação superior**. Paraná, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes curriculares para os cursos de graduação em enfermagem, medicina e nutrição. Brasília, 2001a.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. Perspectivas para a formação em Psicologia. Psicologia: Ensino e Formação; Pós-graduanda em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p.114-122; 2015.
- CAMPOS; V. E. B. Considerações sobre implicações das diretrizes curriculares na formação do estagiário em Psicologia; Doutor em Psicologia. Faculdade de ciências da Universidade de São Paulo, Bauru, 2014.
- CHIOCCA, B. FAVRETTO, L. H. FAVRETTO, J. **Escolha profissional: fatores que levam a cursar uma segunda graduação**. São Paulo, v.20, n.2, p.141-158, 2018.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- GONZÁLEZ REY, F. L; MITJANS MARTÍNEZ, M. Subjetividade: Teoria, Epistemologia e Método. Campinas: Alínea, 2017a. GOULART, Daniel Magalhães. Educação, saúde mental e

desenvolvimento subjetivo: Da patologização da vida à ética do sujeito. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

LOPES, J. da. S. S; CASTRO, R. C. de. De estagiário à psicoterapeuta: sobre a descoberta de um novo lugar. **Quadernos de Psicologia**, v. 20, n.2, p. 141-158, 2018.

MARTINEZ, A. M. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Psicol. Esc. Educ**, v.13, n.1, p.169-177, Campinas, 2009.

PEREIRA, JALCIDES. Da. COSTA. **AFETIVIDADE**: A importância da relação professor e aluno como fator motivacional no processo de ensino e aprendizagem. João Pessoa: Campus, 2017.

SILVA, R. B; CARVALHAES, F. F. de. **Psicologia e Políticas Públicas: impasses e reinvenções**. *Psicologia & Sociedade*, v.22, n.2, p.247-256, 2016.

VIEIRA-SANTOS. Impacto das Diretrizes Curriculares Nacionais na Formação em Psicologia: Revisão de Literatura. **Psicologia: Ensino e Formação**, Universidade Federal de São Carlos, 2016.